Sem luxo, mas com muita dignidade

A. Domingues de Azevedo

Quando se fizer a história da Câmara dos Técnicos Oficiais de Contas (CTOC), o dia 16 de Maio de 2006 há-de constar, não tenho dúvidas, como uma data memorável para a Instituição e para a profissão.

Na verdade, não pode passar despercebido o percurso da CTOC nestes últimos dez anos. Quem começou literalmente do nada, ficando imensamente agradecido à DGCI pela dispensa de uma sala, uma mesa e cinco cadeiras e hoje conta com um património de muitos milhões de euros, independentemente das suas opções afectivas, não pode ficar indiferente a esta incontestável lógica construtiva que tem estado subjacente ao crescimento da nossa Instituição.

No balanço que agora fazemos, os actores são meras peças de circunstância. O que verdadeiramente conta são os actos que eles praticam, esses sim, constituirão um eterno testemunho vivo. Porque fui o timoneiro desta caminhada, ao abordá-la, posso deixar uma imagem de pretender ajuizar em causa própria. Não é essa a minha intenção, mas na verdade os elementos disponíveis são tão objectivos que entram pelos olhos dentro mesmo dos que, por inconfessáveis razões, não queiram ver a obra que se produziu.

Por outro lado, não abordar este dado histórico, apenas porque fui o seu obreiro, pode revelar uma humildade pouco saudável ou então falta de capacidade de avaliar o que se fez de bom, a que corresponderá também um défice de capacidade de avaliar o que tenha sido feito de mau e, consequentemente, a dificuldade de encontrar as necessárias terapêuticas.

Não posso esconder o meu orgulho pelo rumo traçado pela Instituição nesta década. Rumo esse cuja responsabilidade não é só minha, mas também de todos aqueles que comigo aceitaram o enorme desafio de construir em bases sólidas e sustentáveis a nossa profissão. Pessoas que desde a primeira hora, não obstante alguns cantos de sereia, acreditaram no projecto, nas ideias e na capacidade de o levar por diante. Mesmo correndo o risco de ser injusto, nesta hora de felicidade, não posso esquecer que quando muitos duvidavam, eles estiveram do meu lado, de alma e coração, emprestando a esta nobre missão a sua vontade e força de construir, como foi o caso de Cunha Guimarães, Armando Marques, Avelino Antão, Mário Azevedo e muitos outros, anónimos ou não, que comigo têm construído esta obra que a todos orgulha.

A inauguração desta nova sede é, pois, o culminar de uma luta pela criação de melhores condições para o exercício da profissão. Durante a cerimónia, em resposta a um comentário, alguém me respondeu: «Estas instalações reflectem bem a profissão que estão a construir. Traduzem o estado de espírito de quem dirige a maior instituição portuguesa de regulação profissional. Com humildade, mas com a segurança e a dignidade de quem sabe o que quer. Não vejo luxo, nem fausto. Vejo muita dignidade».

Abstenho-me de identificar o autor, mas convenhamos que pouco ou nada há a acrescentar às suas observações. Não queremos luxo, não queremos fausto. A nossa ambição primordial é apenas ter condições para com dignidade cumprirmos a nossa missão de servirmos os Técnicos Oficiais de Contas.

Não posso esconder o meu orgulho pelo rumo traçado pela Instituição nesta década. Rumo esse cuja responsabilidade não é só minha, mas também de todos aqueles que comigo aceitaram o enorme desafio de construir em bases sólidas e sustentáveis a nossa profissão